

Haroldo Hollanda

Novos partidos na Constituinte

Políticos do PMDB e de quase todos os partidos acreditam que a partir do início das atividades da Constituinte o quadro partidário brasileiro estará sujeito a novas e profundas transformações. Na Constituinte, os partidos desapareceram para dar lugar a dois blocos ideológicos opostos, constituídos pelas esquerdas e os conservadores. Mas esses blocos não atuam monoliticamente. Eles, na sua postura experimentariam diversas nuances e graduações, permitindo que eventualmente determinados setores conservadores e das esquerdas se unam em torno de pontos de vista comuns.

A Constituinte a emergir das urnas será mais conservadora do que a princípio se podia supor. Revela o deputado Prisco Viana, do PMDB, que os grupos ultraconservadores se assustaram com as teses defendidas pelas esquerdas, promovendo uma reação que se refletirá no desempenho da Constituinte e na elaboração da futura Constituição brasileira. Em face disso, as estimativas atuais são de que os conservadores de vários matizes elegerão bancadas com mais de dois terços dos integrantes da Constituinte. As esquerdas a incluídos todos os seus grupos nos mais diferentes matizes, elegeriam, no máximo vinte por cento da futura Constituinte.

O quadro partidário a brotar da Constituinte seria formado de saída por um grande partido conservador, semelhante ao antigo PSD, ao qual incumbiria dar sustentação política ao Governo atual até o final do seu mandato. O deputado Gastoni Righi, do PTB, acredita que seu partido venha a ter continuidade, pois ao próprio Governo interessaria a sua preservação, como meio de evitar que os trabalhadores se deixem atrair pelas mensagens de organizações partidárias de extrema-esquerda. A intenção seria a de repetir a mesma experiência adotada por Getúlio Vargas após 45, ao fundar o PDS, de conotação conservadora e o PTB, para agrupar e defender os interesses das classes trabalhadoras. O ex-ministro Roberto Gusmão, que assumiu a vice-presidência do PTB, em recente reunião partidária em Brasília, admite que o seu partido deve assumir uma postura comprometida com os ideais da Social Democracia europeia, o que lhe daria novo conteúdo e substância políticas. Enfim, haveria o propósito de apagar a mensagem fisiológica cumprida pelo PTB nos anos recentes em que esteve a serviço do regime militar. Cabe, porém, uma indagação: seria possível recuperar o PTB, depois dos desgastes tão profundos por ele sofridos?

O deputado Ulysses Guimarães e outros dirigentes do PMDB irão, naturalmente, promover todos os esforços com a finalidade de preservar o partido. Ele se louvará, para tanto, nos expressivos resultados eleitorais que, ao que tudo indica, o PMDB irá colher nas urnas de novembro. Afinal de contas, o PMDB, se confirmadas as pesquisas eleitorais, sairá do pleito deste ano amplamente vitorioso, pois fará a maioria dos governos estaduais e a mais importante bancada partidária na Câmara e no Senado. No entanto, o PMDB tem sido até aqui um partido muito heterogêneo, pois continua a funcionar como uma frente política. Ele não seria o partido confiável com que o Governo espera contar para vencer e superar com relativa estabilidade os desafios com que conta pela frente.

Houve nos últimos meses intenção, por parte do Governo de organizar um esquema de forças políticas autônomo, o que se traduz em algumas candidaturas a Governador, em Estados decisivos como São Paulo e Minas Gerais. Se nesses dois Estados forem vitoriosas as candidaturas de Emílio de Moraes e Lamar Franco, a estratégia política traçada pelo Planalto poderá se viabilizar com mais facilidade. Dentro desse mesmo espírito se insere a candidatura de Moreira Franco, no Rio de Janeiro. Lá ela tem um alcance político maior do que em Minas Gerais e São Paulo, pois se trata no caso de derrotar o governador Leonel Brizola, principal adversário do atual esquema de forças políticas que se encontra no poder.

É possível que o PT continue como partido político. O mesmo não se poderá dizer em relação ao PDT, cuja sorte está presa ao resultado das eleições no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, únicos Estados em que o partido possui expressão. Se ocorrer uma derrota do PDT no Rio e no Rio Grande do Sul, é provável, segundo reconhecem seus próprios integrantes, que o partido não sobreviva ao fracasso eleitoral.

Ordem da Agenda